



THOMAS MANN Tradução de Mário Frungillo¹

A leitura dos ensaios políticos de Thomas Mann evidencia o que em sua obra literária não se revela de imediato: suas posições e seu pensamento políticos evoluíram de forma muito tortuosa, e o próprio autor, ao sabor das circunstâncias atribuiu significados muito diferentes à sua própria obra. Uma passada de olhos sobre alguns de seus textos podem dar a dimensão dessa evolução. No ensaio *Pensamentos na guerra*, de 1914, ele defendeu a Alemanha contra seus adversários, adotando a fatal distinção entre “cultura” e “civilização”, e opondo romantismo e iluminismo – ideias que seriam desenvolvidas ao longo dos anos de guerra, durante os quais Mann trabalhou em seu extenso livro *Considerações de um apolítico* (1918). Encontramos ainda algumas frases tiradas quase que literalmente de *A morte em Veneza* (1912).

As mesmas frases voltam no ensaio *Da república alemã* (1922), mas com sinal trocado, o que pode deixar dúvidas sobre o que Mann pretendia realmente com aquela novela, que ao leitor de hoje parece tão cheia de presságios da catástrofe europeia de 1914. Mas o *tour de force*, que faz o fascínio deste ensaio, é a junção de opostos – ou que ao menos assim pareciam no ambiente carregado em que o ensaio foi produzido: romantismo e república, que Mann aproxima através de uma comparação inusitada: a de Novalis com Walt Whitman. E se, na tentativa de seduzir um público antirrepublicano, Mann chega a fazer uma referência das mais estranhas ao assassinato de Walther Rathenau (mesmo que o condenando

¹ Professor na Universidade de Campinas.

claramente), além de afirmações muito próximas do antissemitismo, também reconhecemos, na aproximação entre a simpatia pela morte do romântico Novalis e o interesse pela vida de Whitman, um dos temas de seu grande romance *A montanha mágica*, que naquele momento ainda estava sendo escrito.

Pouco antes da eclosão da guerra Mann publicou um ensaio breve, quase um panfleto, carregado de ironia: *Irmão Hitler* (1939), em que a personagem do momento é analisada de um ponto de vista estético, e no qual a interpretação de *A morte em Veneza* com presságio é reafirmada.

Já que juntos dariam um volume considerável, apresentamos a seguir a tradução do primeiro destes textos, cronologicamente, reservando a publicação de seus outros dois companheiros para próximas edições da REVISTA UFG.

Pensamentos na guerra²

No uso dos tópicos “cultura” e “civilização” reina, especialmente na imprensa diária – tanto nacional quanto estrangeira – grande inexatidão e arbítrio. Frequentemente tem-se a impressão de que elas são confundidas como sinônimos, frequentemente também parece que a primeira é tida por uma intensificação da segunda, ou então o contrário – permanecendo incerto qual das duas situações afinal é a mais elevada e mais nobre. Eu, de minha parte, defini tais tópicos da seguinte maneira.

Civilização e cultura não apenas não são uma e a mesma coisa, elas são opostos, elas constituem uma das múltiplas formas de manifestação da eterna oposição e antítese entre o mundo do espírito e o da natureza. Ninguém negará que o México, por exemplo, ao tempo de sua descoberta, possuía cultura, mas ninguém afirmará que naquela época ele era civilizado. Cultura, evidentemente, não é o contrário de barbárie, ela muitas vezes é, antes, uma selvageria cheia de estilo, e de todos os povos da Antiguidade talvez só os chineses fossem civilizados. Cultura é coesão, estilo, forma, atitude, gosto, é um certo tipo de organização espiritual do mundo, mesmo que tudo isso seja também aventureiro, bizarro, selvagem, sangrento e terrível. Cultura pode abranger oráculos, magia, pederastia, *vitzliputzli*³, sacrifícios humanos, formas orgiásticas de culto, inquisição,

2 Gedanken im Krieg. In: *Schriften zur Politik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1978.

3 A expressão em alemão é uma deturpação do nome o deus asteca Huitzilopochtli, significando aparição, demônio.

autos-de-fé, danças demoníacas, caça às bruxas, florações de morte por envenenamento e os mais variados horrores. Civilização, porém, é razão, esclarecimento, abrandamento, urbanidade, ceticismo, dissolução – espírito. Sim, o espírito é civil, é burguês: é o inimigo jurado dos instintos, das paixões, é antidemoníaco, anti-heroico, e é apenas um paradoxo aparente dizer que ele também é antigenial.

O gênio, especialmente sob a forma do talento artístico, pode talvez possuir espírito e a ambição do espírito, ele pode acreditar ganhar pelo espírito e pela dignidade, e se servir deles como adorno e efeito – isso não muda nada no fato de que ele, por sua essência e origem, pertence completamente ao lado oposto – de que ele é emanção de um mundo mais infero, escuro e quente, cuja transfiguração e domesticação estilística nós chamamos cultura. A confusão entre o espiritual, o intelectualista, o sensual, o espirituoso com o genial é de fato moderna, todos nós tendemos a ela. Mas ela permanece um erro. Turguêniev expressou certa vez com humor e simplicidade o quanto a relação entre espírito e arte é de irrelevância, ao mandar que um redator respondesse a um diletante que lhe enviara um escrito: “O senhor possui muito espírito, mas nenhum talento. E à literatura só interessa o talento”.

Arte, como toda cultura, é a sublimação do demoníaco. Sua disciplina é mais rigorosa que a civilidade, seu saber mais profundo que a ilustração, sua independência e irresponsabilidade mais livres que o ceticismo, seu saber não é ciência e sim sensualidade e misticismo. Pois a sensualidade é de essência mística, como tudo que é natural.

Goethe, para cujas investigações da natureza Helmholtz escolheu a denominação de “intuições na esfera das ciências naturais”, sentiu à noite em seu quarto de dormir em Weimar, de alguma maneira místico-natural, o terremoto de Messina. “Ouçam, Goethe está delirando”, disseram as damas da corte, quando ele comunicou seu saber demoníaco e tentou oferecê-lo à sua observação e conclusões. Mas dias depois chegou a notícia da catástrofe. Este alemão, o mais demoníaco e o mais cultivado filho da natureza de quantos já viveram, tinha de se manter frio diante da Revolução Francesa, não apenas por senso de ordem, mas especialmente por que se tratava de uma obra do espírito civilizador.



E a arte, então? Será ela uma questão de civilização ou de cultura? Não hesitamos em responder. A arte está longe de interessar-se intimamente pelo progresso e pela ilustração, pelo conforto do contrato social, em suma, pela civilização do gênero humano. Sua humanidade é de essência completamente apolítica, seu crescimento independente das formas de organização do estado e da sociedade. Fanatismo e superstição não prejudicaram seu florescimento, quando não o favoreceram, e com toda a certeza ela tem mais intimidade com as paixões e a natureza que com a razão e o espírito. Quando ela se dá ares de revolucionária, ela o faz de maneira elementar, não no sentido do progresso. Ela é um poder conservador e configurador e não dissolvente. Nós a honramos ao declará-la aparentada com a religião e com o amor sexual. Podemos ainda colocá-la ao lado de um outro poder elementar e fundamental da vida, que neste momento abala novamente nosso continente e o coração de todos nós: eu me refiro à guerra.

Não são relações totalmente alegóricas que unem a arte e a guerra? A mim ao menos sempre pareceu que não seria o pior dos artistas aquele que se reconhece na imagem do soldado. Aquele vitorioso princípio guerreiro de hoje: a organização – é afinal o princípio primeiro, a essência da arte. A influência mútua entre entusiasmo e ordem; sistematização; estabelecimento estratégico de fundamentos; construção continuada e avanço com “ligações regressivas”; solidez; exatidão; abrangência; coragem; constância no suportar fadigas e derrotas, na luta com a resistência obstinada da matéria; desprezo pelo que na vida burguesa se chama “segurança” (“segurança” é um conceito predileto e a mais pura exigência do burguês); o hábito de uma vida arriscada, tensa, atenta; crueldade consigo mesmo; radicalismo moral; entrega até

o extremo; testemunho de sangue; total mobilização de todas as forças fundamentais do corpo e da alma, sem a qual parece ridículo empreender o que quer que seja; por fim, como expressão da disciplina e da honra, senso para o ornamental, o brilhante: tudo isso é a um tempo militar e artístico. Com toda razão já se classificou a arte como uma guerra, uma luta extenuante: mais bela ainda lhe cai a mais alemã das palavras: “serviço”. E, de fato, o serviço do artista se assemelha mais ao do soldado que ao do sacerdote. A antítese cultivada de bom grado pelos literatos entre artista e burguês foi qualificada como herança romântica – não muito compreensivamente, segundo me parece. Pois não é essa a oposição a que nos referimos: entre burguês e cigano, e sim muito mais: entre civil e soldado.

Como se inflamaram de imediato os corações dos poetas, agora, quando a guerra eclodiu! E eles pensavam amar a paz, eles a amaram verdadeiramente, cada um segundo sua própria humanidade, um à maneira camponesa, outro por mansidão e educação alemã. Agora todos como que competiram em cantar a guerra, exultantes, com gritos de júbilo vindos das profundezas – como se nada de melhor, mais belo, mais feliz no mundo pudesse lhes ter acontecido, e ao povo de que eles são a voz, do que finalmente se ter levantado contra esse povo uma desesperada superpotência de inimizade, e nem do mais alto, mais famoso entre eles a gratidão e a saudação da guerra brotou com mais verdade do coração do que daquele bravo que num jornal diário começou seu cântico de força com o grito: “eu me sinto como se tivesse renascido!”

Seria leviano e é totalmente ilícito interpretar esta atitude dos poetas, mesmo no mais ínfimo, no mais modesto dos casos, como curiosidade, aventureirismo

e mero desejo de emoção. Eles também nunca foram patriotas no sentido do ufanismo nem “imperialistas”, mesmo por que raramente eram políticos – poucos deles publicamente e quase nenhum intimamente, de modo que nenhum dos milagres e paradoxos que a guerra imediatamente ocasionou no país: a colaboração fraterna da social-democracia com as repartições militares, por exemplo, aquela fantástica novidade da situação interna, que levou um literato radical ao grito entusiasmado: “Sob a ditadura militar a Alemanha se libertou!” – nada disso teria servido de matéria para as canções dos poetas. Mas se não são políticos, eles muitas vezes são outra coisa: são moralistas. Pois a política é um assunto da razão, da democracia e da civilização, já a moral é um assunto da cultura e da alma.

Recordemos-nos do início – aquele primeiro dia inesquecível quando algo de grande, algo que já não tínhamos por possível aconteceu! Não acreditáramos na guerra, nossa visão política não foi suficiente para reconhecermos a necessidade da catástrofe europeia. Como seres morais, porém – sim, como seres morais – pudemos ver a chegada da tribulação, mais que isso: de alguma maneira a desejamos, sentimos no fundo do coração que, assim como estava, o mundo, nosso mundo não podia continuar.

Nós o conhecíamos, sim, este mundo da paz e do cancan da civilidade – melhor, dolorosamente melhor do que os homens cuja missão terrível, muito além de sua grandeza pessoal, era atear o incêndio: com nossos nervos, com nossas almas, pudemos sofrer mais profundamente com este mundo que eles. Mundo horrível, que agora não mais existe – ou não mais existirá, depois de passada a grande tempestade! Ele não fervilhava, tomado pelos parasitas do espírito, como que por vermes?

Ele não fermentava e fedia com os materiais dissolventes da civilização? Se ele fosse apenas anárquico, tão-somente sem compasso e fé, apenas lupino-mercantil, ainda poderia continuar. Mas um abuso lascivo justamente daquelas resistências e meios de desinfecção que ele procurava produzir a partir de si mesmo deu plenitude ao seu horror. Uma reação, um refortalecimento moral se iniciara ou se preparava; uma nova vontade de repelir o repulsivo, de abandonar a simpatia pelo abismo, uma vontade de retidão, pureza e firmeza queria tomar forma: motivo suficiente para que toda a canalha esperta declarasse ser justamente isso o que havia de mais novo, e procurasse torná-lo propriedade sua. O mais alto grau de desorientação: a moral se tornara uma variedade da corrupção. A decência grassava como veleidade, como chavão e impossibilidade, miseráveis se davam ares éticos, e enquanto o mau por espírito tomava o partido do bem, fazendo dele um horror, os bons, por insegurança e confusão, defendiam o mal. Será exagero afirmar que não havia mais nenhum critério de autenticidade, nem a coragem nem a possibilidade de condenação, de modo que literalmente ninguém sabia para que lado se voltar? Dignidade? Mas ela era vigarice e esnobismo. Infâmia? Mas ela tinha talento; além disso, dava a entender ser ela própria uma vítima, uma forma suja e sangrenta de generosidade, e se abanava, cheia de vaidade, sob o aplauso daqueles que conhecem uma única preocupação: não perder o bonde. Como poderia o artista, o soldado no artista, não dar graças a Deus pela derrocada de um mundo de paz do qual ele estava farto, completamente farto?

Guerra! Era purificação, libertação, o que sentíamos, e uma enorme esperança. Disso falavam os poetas, apenas disso. Que significa para eles um império, o domínio do comércio, a própria vitória, enfim? Nossas vitórias, as vitórias da Alemanha – por mais que nos façam vir lágrimas aos olhos e não nos deixem dormir à noite de felicidade, não foram elas que foram cantadas até agora, prestem atenção, não houve ainda nenhum canto de vitória. O que entusiasmou os poetas foi a guerra em si mesma, como tribulação, como aflição moral. Era a inaudita, poderosa e entusiástica união da nação na disposição para a mais profunda provação – uma disposição, um radicalismo da determinação, como a história dos povos talvez jamais tenha conhecido até agora. Todo o ódio interno, que o conforto da paz tornara venenoso – onde estava ele agora? Surgiu uma utopia do infortúnio... “Por estarmos sitiados, por que o fluxo de matérias primas para a nossa indústria foi cortado e o povo ficará sem trabalho e pão, teremos de impor enormes

impostos sobre as fortunas, tributos de até dois terços para os ricos, não, de até nove décimos de suas posses, haverá uma comuna alemã, voluntária e plenamente ordenada, para que a Alemanha continue”. Isto era o mínimo. E quando, então, as primeiras decisões foram tomadas, quando as bandeiras subiram, quando os morteiros trovejaram e anunciaram a marcha vitoriosa do nosso exército nacional até às portas de Paris – não foi quase que uma decepção, uma desilusão o que se sentiu, como se tudo corresse bem demais, fosse fácil demais, como se a falta de nervo de nossos inimigos nos roubasse nossos mais belos sonhos?

Não se preocupem! Ainda estamos no começo, não seremos privados de nenhuma provação. Frederico, depois de todos os feitos heroicos, estava em vias de soçobrar, quando um fato alvissareiro, a sucessão ao trono na Rússia, o salvou. E a Alemanha é hoje Frederico, o Grande. É sua luta que combatemos até o final, que novamente temos que combater. A coalizão se modificou um pouco, mas é a sua Europa, a Europa unida no ódio, que não nos tolera, que continua a não querer tolerar a ele, o rei, e à qual novamente é necessário mostrar com toda a clareza, com uma clareza talvez de sete anos, que não é admissível eliminá-lo. É também sua alma que despertou em nós, essa invencível mistura de atividade e perseverante paciência, esse radicalismo moral, que o tornava tão repulsivo e ao mesmo tempo tão terrível para os outros, como um animal estranho e mau. Eles nada sabiam de seu caráter absoluto – como poderiam, se para eles não se tratava de vida ou morte? –: esta era sua vantagem moral. Também não é de crer que para eles hoje a profunda determinação alemã seja compreensível – uns estão muito profundamente aburguesados, os outros são por demais toscos e obtusos para serem capazes dela. Mas hoje Frederico se tornou tão forte que também os outros, também eles, lutam pela própria vida – e são três contra um. Não se preocupem! Nós seremos provados, a vitória alemã será um paradoxo, sim, um milagre, uma vitória da alma contra a maioria numérica – totalmente sem paralelo. A crença nela afronta toda razão – que a Alemanha seja firme e serena nesta crença é o início do milagre, inesquecível já para toda a História. Mas antecipar em nossa alma a vitória significaria nos privar dos frutos morais da luta, e até mesmo da própria vitória. Para qualquer entendimento, menos para o nosso saber último, nossa situação é mais desesperadora do que a do próprio rei. Estamos cheios de aflição, da mais profunda aflição. E a saudamos, pois é ela que nos eleva tão alto.

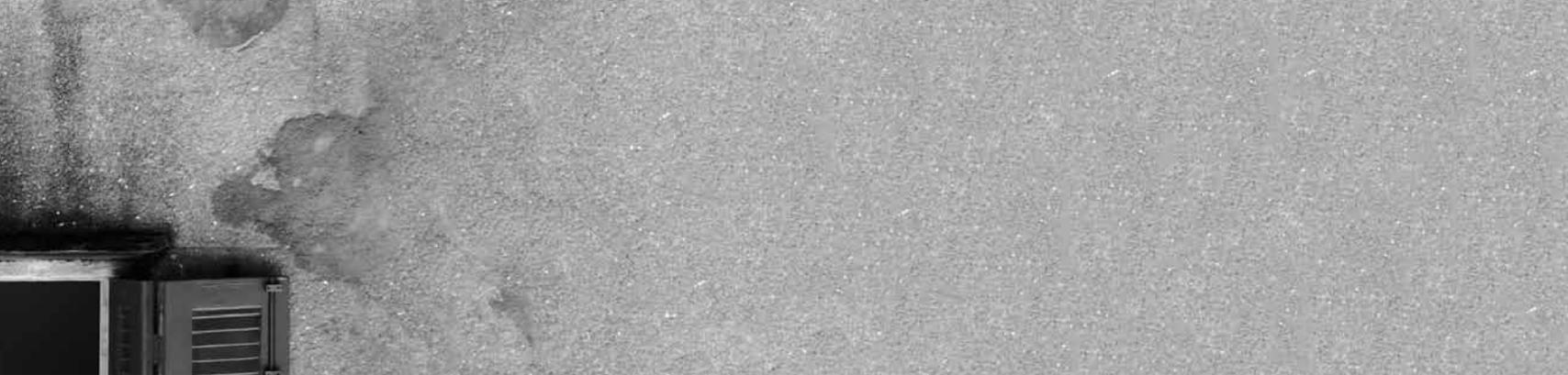


Frederico da Prússia tinha um amigo, a quem ele admirava e desprezava na mesma medida e que, por sua vez, admirava e odiava o rei: era François-Marie Arouet, dito Voltaire, o escritor – grande burguês e filho do espírito, pai do Iluminismo e de toda civilização anti-heroica. O que ele escreveu sobre a guerra em suas *Questions encyclopédiques* proporcionou ao rei, sem dúvida, uma diversão e um deleite dialético extraordinários. Então o rei invadiu a Saxônia. Ele ora chamava Voltaire de Febo Apolo, ora de um dispendioso bobo da corte.

Desde que tive conhecimento deles, os dois me parecem encarnar a oposição da qual estas linhas tratam. Voltaire e o rei: isto é, razão e demonismo, espírito e gênio, clareza seca e destino nebuloso, civilidade burguesa e dever heroico; Voltaire e o rei: isto é, o grande civil e o grande soldado desde sempre e para todos os tempos.

Mas como temos a oposição diante dos olhos sob a forma de símbolos nacionais, nas figuras do francês central, ainda dominante, e do rei alemão, cuja alma agora mais que nunca vive em nós todos, esta oposição ganha, ela mesma, um sentido nacional e uma significação esclarecedora para a psicologia dos povos.

Estamos em guerra, e o que “está em jogo nesta guerra” para nós alemães, nós o soubemos desde o início: está em jogo pura e simplesmente o nosso direito de ser e agir. Não foi com o mesmo desembaraço que se produziu, para os nossos inimigos ocidentais, uma fórmula polêmica, apropriada para dar à sua causa uma aparência digna diante do julgamento dos desinteressados e da história. E qual foi então a fórmula pela qual eles se uniram e que diariamente ecoa para nós como grito de guerra e injúria? Esta guerra, dizem, é uma luta da *civilização* contra – contra o quê, afinal? Não exatamente – “contra a barbárie”. Isso não seria apropriado. No meio do tumulto poderia valer, mas não por muito tempo.



Normalmente se prefere concluir: “contra o *militarismo*”.

Porém esta antítese: “civilização contra militarismo” não é, claro, a causa da guerra. Ela nem sequer é honesta e correta, pois que a civilização em sua manifestação política, quer dizer, a democracia, e o militarismo não são mutuamente excludentes, prova-o a França com o seu exército nacional, ou pelo menos deveria prová-lo. Também se poderia perguntar o que são afinal os exércitos da Áustria e da Itália, o que a gigantesca frota da Inglaterra, se não “militarismo”. A isso a ofendida civilização poderia no máximo responder que o militarismo específico e exemplar da Alemanha consiste em que ela possui o melhor exército e, ao que parece agora, também a melhor frota – uma réplica na qual também haveria algo de exato, apenas que aí se confunde a causa com o efeito ou, se quiserem, o sintoma com a doença. A fórmula “civilização contra militarismo” – pois se trata de uma fórmula, assim como se têm fórmulas eleitorais, abreviaturas da realidade superficiais, populares e estimulantes – contém, no entanto, uma verdade mais profunda; expressa uma estranheza e uma inquietude internacionais diante da alma alemã que, se não é enfim a causa da guerra, ao menos foi o que afinal possibilitou esta guerra. Vamos procurar esboçar aqui do que se trata.

Considerada com sobriedade, a afirmação de que a Alemanha é um país incivilizado, ou menos civilizado que a França e a Inglaterra, é obviamente uma posição ousada e ingrata. O primeiro-ministro inglês declarou recentemente: mesmo admitindo que devemos algo à cultura alemã desde há muito, nos últimos tempos a Alemanha se destacou principalmente pela fabricação de instrumentos mortíferos. Só que o próprio sr. Asquith sabe que isto não passa de conversa fiada. Ele o diz para provocar agitação, como se a excelência da tecnologia bélica alemã não fosse simplesmente um sinal de nosso nível em tudo; como se nossos

hospitais, escolas, instituições científicas, vapores de luxo e ferrovias não fossem tão bons quanto nossos canhões e torpedos; como se nossa tecnologia bélica fosse hipertrofiada em prejuízo de nossas outras forças práticas e não muito mais a expressão de um alto nível geral... O que é, o que afinal significa “civilização”, será alguma coisa além de uma casca vocabular vazia, se nos lembrarmos que a Alemanha, com sua organização jovem e vigorosa, sua seguridade trabalhista, o progressismo de todas as suas instituições sociais é na verdade um estado muito mais moderno que, por exemplo, a imunda, plutocrática república burguesa, cuja capital ainda hoje reivindica ser reverenciada como a “Meca da civilização” – que nosso império social representa uma forma de estado com maior futuro que qualquer parlamentarismo de rábulas que, sempre que se encontra com ânimo solene, volta a malhar a palha de 1789? Não é a revolução burguesa, no sentido do radicalismo gálico, um beco sem saída, em cujo fim não há senão anarquia e dissolução, e não deve se gabar de sua fortuna um povo que, buscando o caminho para a liberdade e a luz, a evitou?

Uma coisa é certa: os alemães não são nem de longe tão apaixonados pela palavra “civilização” quanto as nações ocidentais vizinhas; eles não costumam nem esgrimi-la a toda hora à maneira fanfarrono-francesa, nem se servir dela ao modo beato-inglês. Eles sempre preferiram “cultura” como palavra e conceito – e por quê? Por que essa palavra tem um conteúdo puramente humano, ao passo que na outra percebemos uma mescla e uma ressonância política que nos desilude, que nos parece de fato importante e reverenciável, mas, enfim, não de primeira ordem; por que este povo extremamente intimista, o povo da metafísica, da pedagogia e da música não é um povo voltado para a política, e sim para a moral.

Por isso ele se mostrou mais hesitante e desinteressado que os outros pelo progresso político rumo à democracia, à forma parlamentarista de governo ou mesmo ao republicanismo – de onde se acreditou ser necessário, ser lícito concluir, e isto não apenas *extramuros*, que estes alemães fossem um povo exemplarmente antirrevolucionário, o mais perfeitamente antirrevolucionário de todos... E por que não? Como se Lutero e Kant não compensassem a Revolução Francesa, para dizer o mínimo. Como se a emancipação do indivíduo diante de Deus e a crítica da razão pura não fossem uma revolução muito mais radical que a proclamação dos “direitos humanos”. – Mas nosso moralismo está animicamente ligado à nossa essência de soldados, sim, enquanto outras culturas mostram até no que há de mais refinado, até no âmago da arte a tendência a assumir a forma da civilidade paisana, o militarismo alemão é na verdade forma e manifestação da moralidade alemã.

A alma alemã é por demais profunda para que “civilização” pudesse ser para ela um conceito elevado, ou talvez o mais elevado de todos. A corrupção e a desordem do aburguesamento é para ela um horror ridículo. Ela sofreria terrivelmente sob os *affaires parisienses* (dos quais o último foi o caso Caillaux, com a obrigatória farsa forense) – muito mais do que a alma da França manifestamente sofre. E é esta mesma profunda e instintiva aversão que ela vota ao ideal pacifista da civilização: não é a paz o elemento da corrupção civil, que lhe parece divertida e desprezível? Ela é guerreira por moralidade – não por vaidade ou anseio de glória ou imperialismo. Ainda o último dos grandes moralista alemães, Nietzsche (que equivocadamente chamava a si próprio de imoralista) não dissimulava suas tendências

guerreiras, militaristas. Foram espíritos alemães que deram as mais numerosas e mais importantes contribuições à apologia moral da guerra, e apenas um poeta alemão – embora apenas um entre todos – poderia dizer:

Pois o homem definha na paz,
 Repouso ocioso é a tumba da coragem.
 A lei é amiga dos fracos,
 A tudo ela quer igualar,
 Gostaria de tornar o mundo plano,
 Mas a guerra deixa a força se mostrar,
 A tudo ela eleva ao incomum,
 E mesmo no covarde ela desperta a coragem.⁴

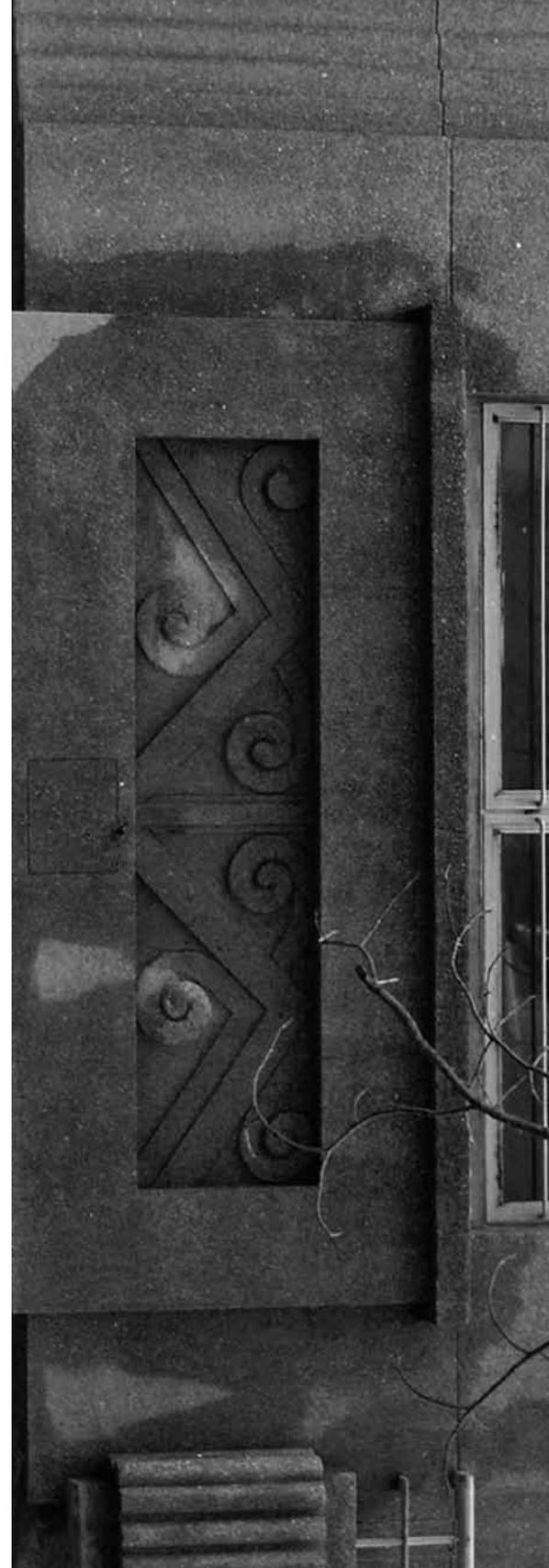
E, portanto, a Alemanha busca a guerra? E, portanto, “ela desejou a guerra”? – Não, ela não o fez. O comércio a provocou, inescrupulosamente, perversamente, pois ele nada sabe da guerra, ele não a sente nem compreende, como poderia ter reverência diante de seu sagrado terror? Que um povo possa ser guerreiro e ao mesmo tempo paciente ao extremo, até às raias da humilhação, a ponto de colocar em risco a sua própria existência – apenas o povo alemão entre todos o demonstra. O soldado por moralidade não é um galo de briga com a crista sempre pronta a inchar, não é nenhum valentão esquentado e arrogante. Pode-se ver se um povo é verdadeiramente guerreiro quando, no momento em que a guerra se torna destino, ele se poupa ou se consome. Toda a virtude e beleza da Alemanha – nós o pudemos ver agora – apenas na guerra desabrocham. A paz nunca lhe cai bem – na paz se poderia por vezes esquecer o quanto ela é bela. Há quem tema que a luta solene em que ela combate pelo seu grande direito à vida a pudesse fazer regredir em sua moralidade, em sua cultura? Ela sairá dela mais livre e melhor do que era.

4 Friedrich Schiller: coro da peça *A noiva de Messina*.

Mas não vemos também que a guerra torna maus e miseráveis os outros, os que portam as insígnias de povos civilizados? Onde está agora a dignidade da Inglaterra? Ela mente tanto que nós nos envergonhamos por ela. E a França? Sua generosidade não afunda numa embriaguez de raiva e histeria vergonhosa? Enquanto para o senso do soldado a guerra aparece como uma esfera de moralidade e honradez, quase como uma operação científica – quanta indecorosidade, quanta devassidão a civil França não considera protegida pelo seu “*c’est la guerre*” que deita tudo por terra? Os últimos meios lhe pareceram bons para o começo: perfídias de franco-atirador e ultraje a feridos. Eu não invoco boatos e acusações vagas. Eu me atenho ao que é dado como certo: à comprovada utilização de projéteis ilícitos, às listas de médicos alemães mortos, assassinados, aos comunicados oficiais do médico do Estado-Maior do exército alemão, aos despachos do próprio Alto Comando francês, nos quais são constatados e ameaçados de punição saques desenfreados ocorridos em seu país. A este rápido embrutecimento das tropas corresponde um embrutecimento da palavra e do espírito público que talvez seja ainda mais vergonhoso. A censura não permitiu que um periódico batizado em nome da humanidade – ou do humanitarismo – condenasse um excesso infame do *Matin* contra os prisioneiros alemães – pois seja! Mas nós lemos declarações de espíritos representativos da França, políticos importantes, escritores famosos, declarações sobre a Alemanha, tão equivocadas, paridas com tanta dor, que nos demos conta, não sem comoção: o cérebro deste povo não suporta mais a guerra. O que foi feito da França em sessenta dias de guerra? Um povo cujo rosto a guerra desfigura de uma hora para outra até torná-lo repulsivo – tem ele ainda um direito à guerra? Os franceses foram outrora um povo guerreiro – num sentido diferente dos alemães, de uma maneira brilhante, galante, gloriosa, briosa e um tanto espalhafatosa – movidos por ideias que tinham a força da juventude, guiados por um *daimon* pessoal eles puderam provisoriamente dominar o mundo. Hoje o seu militarismo é veleidade e vaidade, quase nada mais. Pois o fato de que agora, que no Aisne se chega ao extremo, eles se defendem com sombria obstinação, não é nenhuma prova de que neste povo o instinto militar ainda viva – diante de tantos sinais em contrário. Quando se é republicano-burguês é absurdo fazer questão de prestígio militar como sob o império napoleônico. O povo da lógica – justamente a lógica o deveria ter convencido há muito, dada sua situação física e anímica, a abdicar militarmente e viver totalmente o seu ideal civil.

Quem não o teria respeitado? Quem o teria importunado? Só a vaidade o impediu de tal renúncia, apenas o fato insuportável, inconsolável de ter sido militarmente tirado de campo pela Alemanha, apenas a *idée fixe* da revanche. Para levá-la a cabo, o povo da Revolução se alia ao mais abjeto estado policial – e agora põe os olhos na Rússia, agora que tem a guerra, põe suas esperanças nos cossacos como em um auxílio vindo do céu, pois sabe, sabe perfeitamente há muito que não pode bater a Alemanha com suas próprias forças. Mas que revanche é essa, que não é levada a cabo com as próprias forças? Pode uma tal revanche satisfazer a vaidade? Quando a imprensa francesa delirava todos os dias com as tropas de apoio estrangeiras que eram esperadas de todo o mundo, Clémenceau fez notar que, se se tratava de defender a França, esta era uma honra que cabia em primeira linha aos franceses. Uma tal concepção parecia pouco difundida. A França ficará orgulhosa e satisfeita se, vencida e ocupada, apenas puder resistir e se recusar à paz até que, algo não mais muito provável hoje, os russos avancem sobre a Alemanha. Isto é revanche? Isto é honra de soldado? Não, não é nada semelhante a isso.

Também é pouco digno de soldados, é até mesmo pouco viril, clamar por revanche ao longo de meio século e, por fim, entrar tateando na guerra com um temeroso anseio para depois a toda hora abafar o sagrado tumulto dos elementos com o fraco grito de “civilização”. Transformam Reims em fortaleza, colocam canhões à sombra da catedral, posicionam vigias nas torres e, quando o inimigo atira naquela direção, guincham com voz de falsete: “a civilização!” Mas, em primeiro lugar, *messieurs*, a catedral de Reims nada tem a ver com a civilização. Ela é, isso sim, um monumento da cultura cristã, um rebento do fanatismo e da superstição, e deveria ser para a civilização da França jacobina, se não um espinho no olho, ao menos completamente indiferente. E de fato ela o é, e o oficial



católico que se via obrigado a dar ordens de abrir fogo tinha certamente em seu sangue mais reverência pelo santuário do que os *citoyens*, para quem sua completa destruição, em nome da política, ainda não seria pouco. Em segundo lugar, vosso comportamento lembra ostensivamente a tática, certamente não estúpida, mas não muito honrosa, das sufragistas, que atiravam bombas e, quando as encarceravam, clamavam: “Martirizam mulheres!” Mas então, como era mesmo, queriam ou não nos esganar? E a doce França, não ardia de desejo de ajudá-las nisso? Ela tem um modo tão feminino de colocar o inimigo em posição de injustiça – a ponto de fazê-lo deixar cair os braços. Em cada olhar, cada proclamação e cada ofício circular de seu governo ela se queixa: “Que desonrosa rudeza, erguer a mão contra a França!” Mas não era esta França justamente que queria lançar seu exército, animado de um espírito ofensivo magnificamente fortalecido, sobre os Vosges a fim de acabar conosco? Esta nação reivindica direitos femininos, sem a menor dúvida. O mais encantador dos povos, delicado e sedutor como é, tudo pode ousar. Mas se lhe encostamos um dedo seus belos olhos lacrimejam e toda a Europa se levanta em irado sentimento cavalheiresco. Que fazer? Não querem permitir que vivamos, mas, quando, com alguma ênfase, insistimos no fato de nossa existência, então manifestamos uma lamentável falta de galanteria.

A única surpresa é que se surpreendam; pois, por parte de nossos inimigos ocidentais, a guerra é justamente tida por uma forma de civilizar compulsoriamente a Alemanha. De fato: querem nos educar. A declaração de Bernard Shaw: a guerra serviria para desabituar os alemães de “Potsdam”, foi oportunamente conhecida. Também pudemos ler as considerações do publicista inglês, mas habitante de atmosfera francesa, Robert

Dell, que se expressou de maneira ainda mais clara. A Inglaterra e a França, disse ele, lutam pela causa da democracia contra o domínio da força e o militarismo. Literalmente: “O melhor que se pode esperar para a Alemanha neste momento é uma derrota que leve a uma revolução contra a tirania dos Hohenzollern”. Uma Alemanha democratizada seria então capaz de uma aliança contra a Rússia. “Chegará talvez para nós o momento em que teremos de defender a Alemanha contra a Rússia”. Depois de Tannenberg a Alemanha, ao que parece, tem a honra de abrir fogo contra a Rússia sem o auxílio dos srs. French e Dell. Mas assim tudo se esclarece, caros amigos, e todo amargor desaparece! Em tudo isso o que há é: querem nos fazer felizes. Querem nos trazer a bênção da desmilitarização e da democratização, querem, uma vez que resistimos, nos transformar à força em seres humanos. – Até onde isso é hipocrisia, até onde insolente burrice, quem poderá dizer? O deputado inglês Ponsonby objeta pensativo que, desta maneira, no entanto, se apoia a autocracia russa, se fortalece o militarismo russo e assim se perturba a evolução do povo russo. Sim, é verdade. E do lado inglês, por certo, trata-se principalmente de hipocrisia. Do lado francês, porém, de uma petulância ainda mais insuportável que o limitado e obstinado delírio arbitrador de Albion. A França é tão vaidosa, tão perdidamente apaixonada por si mesma, que ainda hoje, apesar da anarquia, do marasmo, da obsolescência, acredita ser defensora, portadora, disseminadora de ideias felicitadoras da humanidade. Sua espécie de razão a obriga a acreditar que um povo se encontra no patamar mais elevado, nobre, livre quando, em vez de regido por um monarca em uniforme de soldado, é representado por um ambicioso advogado e governado em regime parlamentar. Um jornal espanhol, para o qual a

conversa fiada a respeito da barbárie alemã ultrapassou os limites da estupidez, publicou há pouco os números das escolas, academias e universidades alemãs e os comparou aos das francesas e inglesas. Acrescentou um demonstrativo das somas despendidas com a arte e a ciência pelos três estados, juntamente com a relação percentual de analfabetos e criminosos violentos, e constatou que, em todos os casos, a prato da balança pendia favoravelmente para o lado dos alemães. Que conclusão tirar disso? A conclusão, certamente, de que esta inexplicável Alemanha, entre todos os países, goza da mais moderna e sólida civilidade; mas o espírito, a ausência de espírito, os princípios dos quais advém esta superioridade, permanecem bárbaros. Mas, segundo pensa Robert Dell, em cuja cabeça a hipocrisia inglesa e a ingenuidade feminina francesa realizaram uma difícil mescla, depois da primeira batalha perdida, no mais tardar depois da segunda, a Alemanha anunciará a revolução, deporá “os Hohenzollern”, adotará o racionalismo e se tornará um povo compreensivo-compreensível, a partir de agora sem enigmas e estranhezas para os seus semelhantes civilizados. Esta é sua opinião. Ele acredita seriamente que a Alemanha poderá ser revolucionada, democratizada por uma derrota – e não vê que apenas na paz, agora apenas depois da vitória, da segura vitória da Alemanha, que repousa no sentido da consequência histórica, se pode consumir, segundo as leis espirituais alemãs – e não segundo as radicais-gaulesas – o cunho político de nossa liberdade burguesa, já iniciado, já em curso da melhor maneira possível: que uma derrota alemã seria o único meio de nos fazer regredir – a nós e a Europa – na civilização, que depois de uma tal derrota a Europa não teria paz nem sossego diante do “militarismo” alemão, até que a Alemanha novamente estivesse onde se encontrava antes da guerra; que, por outro lado, apenas a vitória da Alemanha garantiria a paz da Europa. Não veem isso. Veem na índole alemã um barbarismo cuja força deve ser quebrada pela violência e sem levar em consideração os meios. Acreditam ter o direito de lançar sobre a Alemanha quirguizes, japoneses, gurgas e hotentotes – uma ofensa sem paralelos, monstruosa e apenas tornada possível por força daquela ignorância a respeito da Alemanha, *ilícita* no mais forte sentido da palavra, que se manifesta em cada palavra proferida pelos Bergson, Maeterlinck, Rolland e Richepin, pelos Deschanel, Pichon e Churchill, e de maneira extremamente torpe em toda essa audaciosa intriga. Tal ignorância sobre aquele que hoje é o mais importante povo da Europa não é admissível, é passível de punição e tem de vingar-se. Por que a vitória da Alemanha é, antes de mais nada, indubitável? Por que a história não está aí para coroar a ignorância e o equívoco com a vitória.



Que a essência alemã é torturantemente problemática, quem o negaria? Não é simples ser alemão, não tão confortável quanto viver como um inglês, nem de longe algo de tão distinto e alegre quanto viver à francesa. O povo tem dificuldades consigo mesmo, ele se acha duvidoso, sofre consigo mesmo por vezes até à náusea; mas tanto entre indivíduos quanto entre povos, sempre foram mais valiosos aqueles que enfrentaram as maiores dificuldades, e aquele que deseja que a índole alemã desapareça da face da terra em prol da *humanité* e da *raison* ou mesmo da *cant* comete um crime.

É verdade: é próprio da alma alemã algo de extremamente profundo e irracional, o que a faz parecer perturbadora, inquietante, estranha, e até mesmo repulsiva e feroz para o sentimento e o juízo de outros povos mais triviais. É o seu “militarismo”, seu conservadorismo moral, sua moralidade de soldado – um elemento do demoníaco e heroico que se obstina em não reconhecer o espírito civil como o último e mais dignamente humano dos ideais. Este povo é grande também no campo da civilidade – apenas uma ignorância ridícula pode negá-lo. Porém, ele não quer *decair* na civilidade e não tem gosto em provocar uma celeuma hipócrita ou vaidosa por causa civilização. É em verdade o povo menos conhecido da Europa, seja por ser o mais difícil de conhecer, seja por que o comodismo e a presunção impediram os vizinhos burgueses de se esforçar pelo conhecimento da Alemanha. Mas conhecimento é necessário, a vida e a história fazem questão dele, elas mostrarão ser inviável negar com violência, por crassa ignorância, a particularidade indispensável e carregada de missão deste povo. Vocês querem nos sitiar, estrangular, eliminar, mas a Alemanha, como já podem ver, defenderá seu profundo e odiado Eu como um leão, e o resultado de seu ataque será que vocês se verão surpreendentemente necessitados de nos estudar.